



**Pluralidade cristã e
algumas questões do
cenário religioso brasileiro**

André Ricardo de Souza

resumo

Em meados do século passado, o panorama religioso brasileiro começou a ser caracterizado por uma pluralidade muito notadamente cristã e um mercado competitivo entre igrejas, algo que veio a se consolidar na última década mediante a explosão neopentecostal. Desde então e até o censo de 2010, o declínio católico acompanha a acelerada expansão evangélica, tendo havido também grande aumento dos sem religião. No presente decênio, verifica-se com mais nitidez outros fatores responsáveis pelo crescimento pentecostal, bem como dois dados novos e expressivos: considerável refreamento na proliferação dos irreligiosos e grande crescimento do espiritismo. Além disso, nota-se o acirramento da intolerância em relação aos adeptos dos cultos afro-brasileiros e algumas significativas manifestações contrárias, com caráter ecumênico.

Palavras-chave: pluralidade cristã; crescimento evangélico; mercado religioso; avanço espírita; intolerância religiosa.

abstract

In the middle of the last century, the Brazilian religious scene began to be characterized by a very remarkable Christian plurality and a competitive market among churches, something that came to be consolidated in the last decade through the Neopentecostal explosion. Since then and until the 2010 census, the Catholic decline has come along with an accelerated evangelical expansion. Also, there has been a large increase of irreligious people. In the current decade, we can see more clearly other factors leading to the Pentecostal growth, as well as two new and significant data: a considerable restraint of the growth of irreligious people and a remarkable growth of Spiritism. Besides that, we notice a heightened intolerance against Afro-Brazilian worshipers and some significant opposing manifestations, with an ecumenical character.

Keywords: *Christian plurality; evangelical growth; religious market; Spiritist advance; religious intolerance.*

Tal como os demais do Ocidente, o Brasil é um país com histórica e grande predominância cristã, possuindo – em consonância com o restante da América Latina – sua maioria populacional católica. No primeiro recenseamento nacional em que o quesito religião foi considerado, em 1872, praticamente toda a população (99,72%) assim se identificou¹, apontando algo que perduraria por muito tempo: a conjugação entre a identidade católica e a brasileira.

A religião voltaria a fazer parte do censo demográfico em 1940, já sob a condução do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), criado na década anterior. Naquele primeiro levantamento da série histórica, passadas sete décadas desde o anterior, o catolicismo prosseguia reinando quase que absoluto, com 95,2% da população nacio-

nal, quase sem haver conversão ao protestantismo, então com crescimento vegetativo, cifra total de 2,6% e grande predominância de sua vertente histórica, abarcando: luteranos, anglicanos, presbiterianos, batistas e metodistas. Ainda era modesto o avanço das duas igrejas pentecostais que haviam sido aqui implantadas na primeira década do século: Congregação Cristã do Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911).

Após dois decênios, o quadro se modificou com a expansão pentecostal em face da chegada ao país da Igreja do Evangelho Quadrangular (1951) e do surgimento em São Paulo das primeiras denominações nacionais desse tipo: Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962), que foram fundadas, respectivamente, pelos pastores Manoel de Melo e David Miranda. Tais igrejas se caracterizavam pela pregação em praças públicas, em tendas e também através do rádio, configu-

ANDRÉ RICARDO DE SOUZA é professor adjunto do Departamento de Sociologia da UFSCar, membro do grupo de pesquisa Diversidade Religiosa na Sociedade Secularizada do CNPq e autor de, entre outros, *Os laços entre igreja, governo e economia solidária* (Edufscar).

1 Os 0,28% restantes foram designados apenas como "acatólicos".

rando o que ficou conhecido como pentecostalismo de cura divina, em contraposição ao pentecostalismo clássico, formado pelas duas pioneiras do início daquele século. Pelo fato de a Igreja Quadrangular ter se fixado em território paulista, especificamente no município de São João da Boa Vista, tal vertente foi chamada ainda de “onda paulista” (Souza, 1969; Freston, 1993).

Também no contexto de industrialização e de grande urbanização, com seus decorrentes problemas sociais, a umbanda, que surgira na cidade do Rio de Janeiro, dissemina-se e o candomblé, oriundo da Bahia – onde se desenvolvera ao final do século XIX –, começa a dar os primeiros passos no Sudeste, contribuindo assim para a mudança da paisagem religiosa (Fry, 1975; Prandi, 1991). Junto com o espiritismo, trazido ao Brasil já em meados do século anterior e que se propaga lentamente por grandes e médias cidades, vão se formar outros grupos religiosos (Camargo, 1961; Aubrée & Lamplantine, 2009; Pereira, 2013). No recenseamento de 1960, chama a atenção o avanço evangélico, ainda moderado, mas já impulsionado pela propagação pentecostal, de modo a perfazer 4,3% da população nacional.

Doravante, haveria no Brasil uma pluralidade muito notadamente cristã que aos poucos faria crescer a concorrência entre diversas igrejas, ainda mais em face de uma terceira vertente pentecostal. O mercado religioso (Berger, 1984) se tornaria efetivamente uma realidade nacional. O contingente que se declara sem religião em 1960 correspondia a apenas 0,5% e iria crescer enormemente, por muito tempo. Dados estatísticos mais recentes, entretanto, denotam significativas mudanças a serem mais bem compreendidas. Depara-se atualmente também com o acir-

ramento da intolerância religiosa em relação aos adeptos dos cultos afro-brasileiros e algumas tentativas ecumênicas de resposta a isso (Souza, 2018). Este artigo discute tais questões e as principais mudanças no cenário religioso ocorridas na segunda metade do século XX e também nas duas décadas do atual centenário, até o momento.

DESENVOLVIMENTO DO MERCADO RELIGIOSO BRASILEIRO

A partir da década de 1960, a sociologia da religião irá se desenvolver no Brasil, tendo como grande ponto de partida a importante obra de Cândido Procópio Ferreira de Camargo (1973) e a análise de outros autores, tal como nos outros países latino-americanos, voltada sobremaneira para o “catolicismo em declínio” (Pierucci, 2004, p. 19). De fato, o conjunto de católicos prosseguiu sua constante redução vindo a alcançar no último censo realizado em 2010 a cifra de 64,6%, quando pela primeira vez houve uma redução do número de adeptos do catolicismo: 1,7 milhão a menos. A aceleração de tal declínio demográfico foi apontada no recenseamento de 1991, graças e concomitantemente à intensificação do avanço evangélico², impulsionado pela pentecostal “onda carioca”, iniciada em 1977 com a Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) de Edir Macedo e batizada como neopentecostalismo (Freston, 1993; Mariano, 1999).

2 Até o censo de 1980, a diminuição católica não havia passado de dois pontos percentuais, mas em 1991 foi de quase quatro pontos, sendo que, no mesmo ano, o avanço evangélico pela primeira vez alcançou e superou os dois pontos percentuais.

O desenvolvimento da vertente neopentecostal, de fato, teve um grande impacto não só no meio evangélico, mas em todo o campo religioso brasileiro e com desdobramento em outros países, dado o forte ativismo proselitista de suas denominações, contribuindo maciçamente para que a proporção nacional de evangélicos em 2010 chegasse a 22,2%. A primeira a surgir depois da Iurd e sendo dissidente dela foi a Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada em Duque de Caxias (RJ) pelo cunhado de Macedo, o pastor Romildo Ribeiro (RR) Soares. Posteriormente surgiram outras, sendo as principais: Renascer em Cristo (1986), formada pelo casal Sônia e Estevam Hernandes, Sara Nossa Terra (1990), por Robson Rodovalho, e Igreja Mundial do Poder de Deus (1998), pelo também ex-iurdiano Valdemiro Santiago. Tais denominações têm em comum a adoção da Teologia da Prosperidade, o grande e controverso empreendedorismo econômico, principalmente nos meios de comunicação social – com ênfase no televisivo – e a forte atuação político-partidária³, tendo como protagonista o sobrinho de Edir Macedo e bispo licenciado da Iurd, Marcelo Crivella, atual prefeito do Rio de Janeiro pelo braço político dessa igreja, o Partido Republicano Brasileiro – PRB (Mariano, 1999; Campos, 1997; Oro, Corten & Dozon, 2003; Burity & Campos, 2006).

Em face do acelerado avanço evangélico, a partir da década de 1990, a Igreja Católica diminuiu intensamente a ênfase em sua versão politizada de esquerda, identificada com as

pastorais sociais e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). E fez isso em favor do estímulo e decorrente crescimento do movimento da Renovação Carismática Católica (RCC), que conjuga feições pentecostais, sobretudo a ênfase nas manifestações do Espírito Santo, com traços católicos tradicionais: culto mariano e reza do terço (Prandi, 1996; Prandi & Souza, 1997; Carranza, 2000). Mas tal empenho, somado ao desenvolvimento das Comunidades de Aliança e Vida⁴ e à prática dos chamados padres cantores (Souza, 2005), não foi capaz de frear o avanço evangélico, embora se deva dizer que sem isso o crescimento das igrejas pentecostais provavelmente seria hoje maior (Souza, 2014).

A expansão evangélica – acelerada, como visto, pelo neopentecostalismo – impactou não apenas o catolicismo, mas também as religiões afro-brasileiras, fortemente combatidas por tais igrejas, principalmente a Iurd. Isso fez com que a umbanda, nascida nos morros cariocas no início do século XX, quase desaparecesse desse cenário ao final do centenário. O combate demonizante neopentecostal – sobretudo iurdiano – aos orixás, caboclos e demais entidades espirituais dos cultos afro-brasileiros acabou tendo resultados expressivos na conversão dos adeptos de tais grupos religiosos, diminuindo bastante sua proporção no país (Mariano, 2003; Silva, 2007). Contabilizados pela primeira vez no censo de 1980 com 0,6%, os afro-brasileiros reduziram-se à metade (0,3%) três décadas depois, sendo que a diminuição não foi maior porque o candomblé cresceu em

3 Tal intensificação no meio evangélico, vale lembrar, havia sido iniciada pela Assembleia de Deus para a eleição da Assembleia Constituinte em 1986.

4 Forma inovadora de organização eclesial desenvolvida no meio carismático católico, com destaque – pelo tamanho e abrangência internacional – para a experiência da Canção Nova (Carranza & Mariz, 2009).

face do grande esvaziamento da umbanda⁵, trazendo para si os adeptos desta.

Até 1970, os seguidores dos cultos de matriz africana eram identificados pelo censo do IBGE como “espíritas”. Foi só a partir da década posterior que se pôde verificar os tamanhos distintos dos contingentes afro-brasileiro e espírita⁶. Em 30 anos, nota-se um crescimento expressivo neste segmento, passando de 1,3% para 2% da população nacional. Seus adeptos têm perfil predominante de classe média, bastante letrada e residente nas grandes e médias cidades, sobretudo do Sul e do Sudeste. Reivindicando identidade tanto religiosa quanto filosófica e científica, o espiritismo padece de um questionamento de parcela de seus seguidores que não o reconhecem como religião, o que de algum modo puxa para baixo sua proporção demográfica. Embora, cabe lembrar, parte dos adeptos da umbanda ainda prefira se dizer espírita, devido a algum desconhecimento ainda da diferença entre as duas religiões, mas principalmente por causa do preconceito socialmente maior em relação a quem se declara umbandista (Arribas, 2010; Lewgoy, 2013).

Tomando ainda como referência o censo de 1980, o segmento religioso que não se identificava como católico, evangélico, espí-

rita ou afro-brasileiro compunha ao todo apenas 1,2%. Trinta anos depois, com o surgimento de outros grupos de culto, tal contingente cresceu para 2,9%. Já em relação aos sem religião, pôde-se aferir seu tamanho já no recenseamento de 1940, então somente 0,2%. Após sete décadas, chegariam a 8%, compondo, portanto, o segmento que mais cresceu, algo que denota o avanço da secularização no Brasil.

Em relação ao censo de 2010, verificou-se que a igreja evangélica que mais cresceu não foi a Iurd ou outra neopentecostal, mas sim uma das duas pioneiras do pentecostalismo no Brasil: Assembleia de Deus, totalizando mais de 12,3 milhões de adeptos. Maior dessa ramificação religiosa, ela se caracteriza pela grande capilaridade nacional – até mesmo no meio rural – e por ser organizada em diferentes ministérios. Outra denominação que teve destaque foi a novata neopentecostal Igreja Mundial do Poder de Deus, que já no seu primeiro registro em recenseamento apresentou-se com 315 mil seguidores. Tal como seu fundador e líder, Valdemiro Santiago, grande parte dos adeptos dessa denominação é composta de ex-iurdianos. Chamou a atenção também a grande quantidade de evangélicos não vinculados a nenhuma igreja, compondo nada menos que 21,8% desse segmento. Por fim, observou-se a profusão ainda maior de pequenas e autônomas denominações pentecostais, ressaltando a tendência histórica do protestantismo à subdivisão em diversas igrejas (Mariz & Gracino, 2013).

O retrato demográfico da primeira década do século XXI, em termos de religião no Brasil, mostrou com mais nitidez ainda a grande concorrência entre o catolicismo declinante e o pentecostalismo ascendente. Isso aparece de modo ostensivo na grade

5 Pierucci (2004) já havia chamado a atenção para o grande declínio da umbanda, ao lado de catolicismo e luteranismo, outras vertentes religiosas tradicionais no país, e Prandi (2013) destacou o papel do candomblé evitando uma redução ainda maior do contingente afro-brasileiro.

6 No censo de 1980, foram classificados os “espíritas kardecistas” em contraposição aos “espíritas afro-brasileiros”. O espiritismo, junto com o candomblé e o catolicismo, deu origem à umbanda que já foi chamada de “baixo espiritismo”, mas efetivamente se distingue da religião fundada por Allan Kardec na França em 1857 e implantada no Brasil já na década seguinte (Aubrée & Laplantine, 2009; Prandi, 2012).

horária de emissoras de rádio e, sobretudo, televisão católicas e evangélicas com espaço cada vez maior. É transposto de algum modo também para a esfera político-partidária através das bancadas do primeiro e principalmente do segundo segmento religioso no Congresso Nacional, bem como em parlamentos estaduais e municipais (Burity & Machado, 2006). E a concorrência só fez aumentar internamente no campo evangélico entre as denominações neopentecostais e destas com outras grandes, com destaque para a Assembleia de Deus, além das menores e autônomas que pululam nas periferias das grandes cidades. De outro lado, como visto, as religiões afro-brasileiras – puxadas pela umbanda e em face do combate evangélico – declinaram acentuadamente, ao passo que o espiritismo e o conjunto dos indivíduos sem religião cresceram bastante. Tomando esses quatro conjuntos que podem ser comparados no período 1980 a 2010 – católicos, evangélicos, espíritas, afro-brasileiros e sem religião –, o dos que se dizem irreligiosos, vale ressaltar, foi o que mais cresceu, passando de 1,6% a 8% em consonância, como dito, à secularização no país.

PRINCIPAIS VARIAÇÕES RELIGIOSAS MAIS RECENTES

Assim como nos demais países, o espectro cristão no Brasil é predominantemente entendido ainda como a soma de católicos e evangélicos. Há, porém, igrejas fora deste último segmento que não são protestantes históricas nem pentecostais e têm como marca a pregação “restauracionista” do cristianismo considerado original. São elas: Testemunhas de Jeová, Mórmons

e Adventistas do Sétimo Dia. Na análise do censo de 2000, alguns cientistas sociais da religião colocaram tais igrejas não protestantes ao lado de outras duas tradições religiosas – espiritismo e Legião da Boa Vontade (LBV) – em um conjunto chamado de neocristianismo (Lewgoy, 2006, p. 179; Camurça, 2010; Teixeira, 2010; Souza, 2012). Nesse espectro neocristão, o espiritismo se destaca por dois motivos: 1) ser o terceiro maior segmento religioso do país; 2) o fato de o espiritismo realizar a materialização do princípio cristão da caridade através de consideráveis obras assistenciais (Souza & Simões, 2017). O atendimento religioso com ênfase na gratuidade e as atividades caritativas contribuíram bastante para a legitimação social dessa religião no Brasil (Giumbelli, 1997; Arribas, 2010).

Embora, metodologicamente, não se possa comparar de modo satisfatório os resultados de um censo demográfico com os de uma pesquisa amostral – ainda que reconhecida –, algo chamou a atenção no levantamento feito pelo Instituto Datafolha, do jornal *Folha de S. Paulo*, em setembro de 2017⁷. Tomando a referência de 2010, como esperado, foi apontada a redução católica a 52%, em face do avanço evangélico a 32% e também dos sem religião (9%), mas o destaque foi a cifra de espíritas, atingindo 4%. Fazendo-se a necessária ponderação, este último dado parece indicar que tal segmento teria dobrado em apenas sete anos. Dois fato-

7 Ocorreu entre os dias 27 e 28 daquele mês com 2.772 pessoas de 194 cidades e margem de erro de 2% para mais e para menos. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2017/10/1930455-para-votar-19-dos-brasileiros-com-religiao-seguem-indicacao-da-igreja.shtml>. Acesso em: 29 de outubro de 2018.

res contribuem para uma possível explicação desse crescimento espírita: 1) um impulso dado pela ampla comemoração em 2010 do centenário de nascimento de Francisco Cândido Xavier, o popular médium Chico Xavier, abrangendo produções cinematográficas com grande bilheteria nacional; 2) a ênfase espírita, a partir também daquele ano, em estudos bíblicos, sobremaneira os evangelhos, algo que reforçou sua identificação religiosa cristã, situando-o ao lado do catolicismo e do protestantismo⁸. Tal enfoque cristão contribui para que os espíritas assumam mais sua doutrina como religiosa, posicionando-se de modo mais incisivo diante de um dilema histórico desse segmento (Arribas, 2010). Isso, por sua vez, pode ser interpretado como um dos fatores explicativos do crescimento refreado dos sem religião desde 2010, que sempre abrangeu “espíritas camuflados” (Lewgoy, 2013).

Por outro lado, prossegue a redução do contingente afro-brasileiro como um dos componentes do crescimento pentecostal. Ocorre que na presente década se observa um acirramento dos casos de intolerância religiosa, gerando atos de violência da parte de grupos pentecostais contra templos, objetos de culto e também pessoas⁹. Como uma forma de reação ao problema têm havido algumas iniciativas de organizações ecumênicas, dentre

elas o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic) e a Rede Ecumênica da Juventude (Reju). Através da pastora luterana Lusmarina Garcia, o Conic auxiliou, também financeiramente, na reconstrução de um terreiro de candomblé incendiado em 26 de junho de 2014 em Duque de Caxias, iniciando ainda a formação de um fundo destinado a custear ações de solidariedade a membros de outros templos afro-brasileiros depredados. Por seu turno, a Reju empreende campanhas contra a discriminação religiosa, destacando-se uma denominada “Eu visto branco”, que realiza em parceria com outras organizações ecumênicas, sempre na semana de 21 de janeiro, quando é celebrado o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil chegou ao último quartel do século XX com um mercado religioso já consolidado em face de grande crescimento evangélico, impulsionado pelo neopentecostalismo, fazendo-se bastante presente nos meios de comunicação massivos e na política partidária. Dada a grande predominância das instituições cristãs, ainda mais se consideradas as espíritas também neste conjunto, verifica-se que a tão propalada diversidade religiosa se restringe, em boa medida, ao pluralismo cristão (Souza, 2012).

8 A tradução do *Novo Testamento* direto do grego, feita por um pesquisador espírita de nome Haroldo Dias, que realiza atividades de diálogo inter-religioso com católicos e evangélicos, e a formação de grupos voltados para o estudo bíblico estariam no centro desse processo (Souza, 2017).

9 Um levantamento feito entre 2011 e 2015 apontou 965 registros de intolerância religiosa no Brasil, sendo em média um caso a cada dois dias. Tendo havido 49 registros em 2011 e aumento no número deles a cada ano, chegou-se a 2015 com 313, portanto, um crescimento de nada menos que 639% (Fonseca, 2018; Souza, 2018).

10 Lembra a morte por infarto em 2000 da negra sacerdotisa do candomblé Gildásia dos Santos, na cidade de Salvador. Três meses antes, o jornal *Folha Universal*, da lurd, publicou uma matéria de capa bastante ofensiva a ela. Mãe Gilda, como era chamada – cujo terreiro já havia sido antes depredado – teve sua doença cardíaca agravada com a publicação daquela matéria e decorrente repercussão, de modo que veio a sucumbir, tornando-se símbolo nacional da intolerância religiosa.

Como visto, os dados estatísticos sobre religião no Brasil a partir de 2010 apontam os continuados: declínio católico e crescimento evangélico. Indicam também que o contingente dos sem religião – o que mais cresceu nas duas últimas décadas do centenário passado – teve expressivo refreamento, ao passo que o dos espíritas foi o que mais cresceu, provavelmente, pelo revigoramento de sua ênfase religiosa, algo que nos ajuda a entender por que o crescimento pequeno de quem se declara sem religião.

O acirramento da intolerância sofrida pelos adeptos dos cultos afro-brasileiros, da parte de pentecostais radicalizados, e a busca de uma resposta *religiosa* a esse problema por organizações ecumênicas constituem alguns dos traços do cenário religioso contemporâneo. Embora seja algo positivo e importante, do ponto de vista humanitário, não atenua a limitação do pluralismo religioso, caracterizado pela grande variedade e liberdade de culto.

BIBLIOGRAFIA

- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo, Paulinas, 1984.
- BURITY, Joanildo A.; MACHADO, Maria das Dores Campos (orgs.). *Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil*. Recife, Massangana, 2006.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Kardecismo e umbanda*. São Paulo, Pioneira, 1961.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de (org.). *Católicos, protestantes e espíritas*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- CAMURÇA, Marcelo A. "Espiritismo: um 'neocristianismo'?", in *IHU On-line*, n. 349, 2010. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3623&secao=349. Acesso em: 31 de outubro de 2018.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis/São Paulo, Vozes/Simpósio Editora/Umesp, 1997.
- CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida, Santuário, 2000.
- CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília L. (orgs.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida, Ideias & Letras, 2009.
- FONSECA, Alexandre Brasil. "Primeiras análises dos dados do Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011-2015)", in Luislinda Valois (org.). *Estado laico, intolerância e diversidade religiosa no Brasil*. Brasília, Ministério dos Direitos Humanos, 2018, pp. 22-47.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e políticas no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado em ciências sociais. Campinas, Unicamp, 1993.
- FRY, Peter H.; HOWE, Gary Nigel. "Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo", in *Debate e Crítica*, v. 6. São Paulo, 1975, pp. 75-94.
- GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos. Uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997.

- LEWGOY, Bernardo. "Incluídos e letrados: reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual", in Faustino Teixeira; Renata Menezes (orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, Vozes, 2006.
- _____. "A contagem do rebanho e a magia dos números: notas sobre o espiritismo no censo de 2010", in Faustino Teixeira; Renata Menezes (orgs.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis, Vozes, 2013.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1999.
- _____. "Guerra espiritual: o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais", in *Debates do NER*, v. 4, n.4, 2003, pp. 21-34.
- MARIZ, Cecília; GRACINO JR., Paulo. "As igrejas pentecostais no censo 2010", in Faustino Teixeira; Renata Menezes (orgs.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis, Vozes, 2013.
- ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean Pierre (orgs.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo, Paulinas, 2003.
- PEREIRA, João Baptista Borges. *Religiosidade no Brasil*. São Paulo, Edusp, 2013.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. "Bye bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000", in *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, 2004, pp. 17-28.
- PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo, Hucitec, 1991.
- _____. *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo*. São Paulo, Três Estrelas, 2012.
- _____. "As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio", in Faustino Teixeira; Renata Menezes (orgs.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis, Vozes, 2013.
- SOUZA, Beatriz Muniz de. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo, Duas Cidades, 1969.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. "Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo", in *Mana*, v. 13, n. 1, 2007, pp. 207-36.
- SOUZA, André Ricardo de. "O enfrentamento da intolerância religiosa por organizações nacionais ecumênicas". Trabalho apresentando no 42º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2018.
- _____. *Igreja in concert: padres cantores, mídia e marketing*. São Paulo, Anablume/Fapesp, 2005.
- _____. "O pluralismo cristão brasileiro", in *Caminhos*, v. 10, n. 1, 2012, pp. 129-41.
- _____. "Um balanço do catolicismo carismático", in Emerson Sena; Flávio Munhoz Sofiati (orgs.). *Novas leituras do campo religioso brasileiro*. São Paulo, Ideias & Letras, 2014.
- _____. "Dimensions of Christianity and the Amplification of Ecumenism in Brazil", in *International Journal of Latin American Religions*, v. 1, 2017, pp. 1-14.
- SOUZA, André Ricardo de; SIMÕES, Pedro. "Desafios do trabalho assistencial espírita: dois modelos de atuação", in *Rever*, v. 17, 2017, pp. 123-45.
- TEIXEIRA, Faustino. "A presença dos espíritos no imaginário da sociedade brasileira", in *IHU On-line*, n. 349, 2010. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/36132-a-presenca-dos-espirtos-no-imaginario-da-sociedade-brasileira-entrevista-especial-com-faustino-teixeira>. Acesso em: 31 de outubro de 2018.